

## O AUTOR

**Jorge Kanehide Ijuim**

Professor de Jornalismo na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

E-mail: jkijuim@nin.ufms.br/

# JORNAL ESCOLAR: INTER-RELAÇÃO CRIATIVA

Trabalho pedagógico com jornal em sala de aula deve transcender caráter técnico-utilitário para tornar-se produção de cultura

**C**eléstín Freinet tem inspirado a maioria das experiências do uso do jornal no ensino fundamental e médio. Em seu *Jornal escolar*, o educador francês relata que, já no começo do século XX, desenvolvia com seus alunos suas técnicas para o jornal, que consistia em “uma recolha de textos livres realizados e impressos diariamente, agrupados, mês a mês, numa encadernação especial, para os assinantes e correspondentes”<sup>1</sup>. Com essas atividades, ao despertar a espontaneidade e a livre-expressão, o professor desenvolvia em seus alunos o potencial do pensamento e o desejo de exteriorização desse pensamento.

Estimulava o educando a situar-se no mundo, exprimir seus sentimentos e obser-

vações, inseridos num contexto que permitia tornar o processo o mais educativo possível, com o objetivo de levar esta técnica para a vida. A exteriorização do pensamento e a sua socialização, através do jornal, constitui motivação para, com o desenvolvimento do processo, os alunos chegarem a caminhar com os próprios pés. Ao primar pelo incentivo à reflexão e à expressão de idéias, à espontaneidade e à iniciativa, Freinet criava um ambiente favorável, de aventura e cooperação.

Estas técnicas – ou pelo menos semelhantes – puderam ser vivenciadas no Brasil por iniciativas isoladas até os anos 70. A Lei 5692/71, segundo Valnir Chagas<sup>2</sup>, deu abertura para a experimentação de métodos e técnicas, para a época, inova-

1. FREINET, Celéstín. *O Jornal escolar*. Lisboa: Estampa, 1974.

2. CHAGAS, Valnir. *O ensino de 1º e 2º graus - antes, agora e depois?* São Paulo: Saraiva, 1984. p. 83 e 176.

doras. Uma das possibilidades advindas desta abertura foi para a Comunicação, devido à influência da obra de McLuhan. Com base nesta Lei, a Secretaria de Educação de São Paulo já sugeria, em suas diretrizes curriculares, a produção de jornais, iniciativa esta acompanhada por vários estados brasileiros. Estava presente o pensamento do teórico canadense, especialmente por sua célebre previsão: "Haverá um dia – talvez este já seja realidade – em que as crianças aprenderão muito mais e muito mais rapidamente em contato com o mundo exterior do que no recinto da escola"<sup>3</sup>.

Tais experimentos, no entanto, em geral se restringiam às atividades da disciplina Língua Portuguesa, como meio de desenvolvimento de expressão oral e escrita. Enfim, ainda não se vislumbravam todas as suas possibilidades.

Um passo mais largo neste caminho veio nos anos 80, seguindo uma tendência mundial. As iniciativas norte-americanas e européias influenciaram empresas jornalísticas a adotarem campanhas educativas propondo às escolas o uso de seus jornais em sala de aula. Esses programas estão em pleno funcionamento até hoje em várias cidades. Predominantemente, esses projetos possibilitam o desenvolvimento do hábito da leitura, acesso a uma grande diversificação e atualização de temas, além de permitir maior fluxo de informações do mundo para o interior da sala de aula<sup>4</sup>. A experiência também tem trazido muitas outras conquistas, principalmente ao provocar mudanças nos processos

educativos, adequando-os à realidade dos meios de comunicação de massa. Igualmente, secretarias de Educação de diversos estados têm recomendado essas práticas em sala de aula.

## INICIATIVAS ORIGINAIS

Numa trajetória de cerca de doze anos<sup>5</sup>, meus estudos, sem qualquer desconsideração por esses programas, têm caminhado em outro caminho. Proponho a retomada das iniciativas originais, como as de Freinet. Desde as primeiras experiências, preocupei-me que os estudantes tivessem a oportunidade de vivenciar o jornalismo por dois ângulos: conhecer o jornal e produzir o jornal.

---

A cada passo, pude observar a riqueza da produção dos jornais – mais que um veículo de comunicação – como um processo que propicia integração de assuntos, de interesses, de pessoas.

---

Entre muitas outras particularidades, essa caminhada permitiu-me compreender como o jornal pode estabelecer um clima de grande motivação, envolvimento, cooperação, distinção e reconhecimento (auto-estima), emoção e afetividade entre os participantes.

---

3. MCLUHAN, M. *apud* LIMA, L. O. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 8.

4. Ler também sobre o assunto: BARROS FILHO, Clóvis de. *Jornalismo didático e agenda do leitor*. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/ECA-USP/Moderna, n. 11, jan./abril de 1998, p. 22-28.

5. Iniciei experiências nesse sentido em Bauru-SP, em 1988, e há seis anos venho trabalhando em Campo Grande-MS.



Nessas vias nem sempre planas e retas, entre os sobressaltos e o contorno de pedras, pude refletir sobre a possível transcendência (necessária?) aos esquemas, nem sempre abertos, de comunicação vivenciados na educação formal. A partir dessa reflexão, ousou formular algumas questões: o trabalho com jornais deve (ou pode) restringir-se ao puro caráter técnico-utilitário? Pode-se transcender o jornal-instrumento para alcançar um jornal-estratégia? Além de in-formar – dar oportunidade de acesso a variadas visões de mundo, estimular a leitura e a escrita – a produção de jornais pode constituir-se em uma estratégia de personalização do universo? Ou ainda, o processo de produção de jornais na escola pode contribuir com o processo de humanização entre os participantes?

## PROPOSTA DE DISCUSSÃO TEÓRICA

No momento, venho apresentando a vários professores do ensino fundamental e médio uma proposta visando à reflexão e à experiência destas questões. Tal proposta está contida num material didático apostilado, com um conteúdo que propõe a discussão teórica e apresenta um conjunto de técnicas jornalísticas para facilitar o seu trabalho em sala de aula. A discussão teórica está assentada na teoria sócio-histórica<sup>6</sup> e na teoria da complexidade<sup>7</sup>, com ênfase na importância da apropriação e criação de cultura, como também na necessidade de visualização do mundo de forma sistêmica. Na tentativa de evitar os riscos das idéias esquemáticas, este

6. Ler sobre o tema em: VYGOTISKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.  
7. MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

material didático procura escapar do conceito de *modelo pronto* ou do *manual de receitas*. Ao contrário, incentiva os professores à reflexão e à criação de suas próprias estratégias, de acordo com suas características e necessidades e, especialmente, de acordo com os anseios e aspirações de seus alunos.

Pelas primeiras observações, nessa fase de meus estudos, tenho sentido que as técnicas jornalísticas não devem ser *camisa de força* em detrimento do processo de criação que a produção de jornais possibilita. Como sublinha Cremilda Medina<sup>8</sup>, a arte de narrar o contemporâneo não se restringe às habilidades narrativas (puramente racionais, técnicas), mas integram-se a dois outros aspectos, dos quais também dependem: o ético e o estético. No sentido ético, encontra-se o campo que permite a elevação do nível de consciência e o alargamento da visão de mundo; no aperfeiçoamento ético e moral está a âncora do fazer jornalístico, que também possibilita a sintonia e a cumplicidade com o universal. No ponto de vista estético, transcende as técnicas para alcançar a criatividade, para levar às narrativas signos contextualizados e dar vazão à emoção solidária e à intuição.

Por essas noções, o material didático esclarece que as técnicas jornalísticas ajudam, facilitam a visualização do jornal e sua organização, porém, as gramáticas, consagradas (racionalizantes) pelos manuais de redação, podem e devem ser flexibilizadas. O processo de industrialização levou suas técnicas à imprensa e,

na busca da eficiência, desenvolveu uma gramática própria, na maioria das vezes fechada em manuais de redação. Esses manuais estipulam desde o que se publica, como o repórter deve se comportar diante das fontes e da reportagem até como abrir seus textos.

---

A pirâmide invertida, a linguagem jornalística ou a diagramação impecável não devem prevalecer sobre a criação de cultura.

---

O jornais escolares não precisam (nem devem) ser cópias dos grandes jornais. Nada impede, no entanto, que o processo pedagógico proporcione aperfeiçoamentos que os tornem próximos dos diários na aparência, mas não no conteúdo.

Considerando a escola uma instituição mediadora entre a cultura e a população que atende, os jornais escolares constituem veículos que colaboram nesta mediação. Uma vez que o universo, a cultura, a vida são globais – não segmentados – o veículo jornal tem a possibilidade de abrigar saberes, informações, conhecimentos de forma una e múltipla – complexa –, pois a vida não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia. Aqui, portanto, adoto as noções de complexidade de Edgar Morin<sup>9</sup>, como o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenome-

---

8. MEDINA, C. *Caminhos do saber plural* – Novo pacto da ciência 7. São Paulo: ECA-USP, 1999. p. 24-36.

9. MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo... op. cit.* p. 20-23.

nal. Assumindo a complexidade por um paradigma de distinção/conjunção, que permita distinguir sem separar, associar sem identificar ou reduzir, o jornal escolar assume também seu caráter de essência interdisciplinar. E, nesse caso, a interdisciplinaridade acontece não como imposição de programas fechados, mas como atitude mental que, com naturalidade, faz aflorar um princípio dialógico e translógico. Qualquer matéria jornalística será fruto de uma postura reflexiva interdisciplinar e de sua contextualização: dessa forma, terá a “contribuição de conhecimentos de várias disciplinas escolares”<sup>10</sup>.

O papel do *professor-editor* é fundamental como mediador entre os anseios e necessidades (cultura) de seus alunos, o veículo que se propõem a produzir e os leitores. Esse *professor* empresta ao *editor* as características de um *maestro de uma orquestra*. Os alunos, de posse de vários instrumentos, do clarinete ao piano, estão ansiosos por música. O *professor-editor-maestro* observa, ouve, identifica habilidades, o potencial de cada um (e do grupo) e, escolhida a pauta, dá o tom ao grupo, ensaia, estimula, aponta os desafinos, harmoniza e a orquestra como um todo produz música. Esse mediador dedicado da cultura alia profissionalismo e ternura, pois sabe e faz saber, quer e faz querer, ousa e faz ousar, emociona-se e faz emocionar, com afeto, com amor.

O educando – co-personagem essencial e objetivo do processo educativo – é na produção do jornal, um *aluno-repórter-leitor*. Na relação professor-aluno, os dois ocupam o centro do palco: maestro,

instrumentistas, cenários e partituras se fundem – surge a música. Como tal, o aluno é músico sensível aos sons do cotidiano, é observador do mundo que sente dor e alegria, angústia e satisfação – é maestro da sua própria vivência. Quer herdar, criar e recriar cultura, quer fazer de seus escritos participação, ação e reflexão. Como *aluno-repórter* não deve ser um mero redator de textos, mas pessoa que amplia a cada instante sua visão de mundo. Assim, o *professor-editor* incentiva-o a investigar, questionar, tocar, degustar, sentir os aromas e odores do mundo (sinestesias que se compõem de estímulos em nível técnico-racional e também sensível-intuitivo). Deve ser estimulado a distinguir, reconhecer e respeitar o outro, relacionar-se de forma profunda com o outro, a solidarizar-se às dores e às alegrias universais (distinguir sem separar, associar sem reduzir, pois tudo e todos estão ligados a tudo e a todos). Dessa forma, seus relatos publicados no jornal escolar não serão textos que somente o ajudarão a expressar-se melhor, mas serão criação de cultura, que refletem mais que suas aspirações; seus relatos não são fruto de metodologias explicativas, mas vivências humanas colhidas com os afetos e os esforços de compreensão.

## RE-VISÃO DO MUNDO

O processo de produção de cultura que o aluno-repórter vivencia não terá os limites dos conceitos e informações para serem quantificados numa avaliação periódica pontual, pois é cultura incorporada à sua experiência, à sua vida – como sugeriu

10. SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 1993. p. 88-89.

Freinet. Mais que apreender um assunto, aprenderá a apreender – a buscar sua significação e traduzi-la em novo conhecimento de si, do outro e do mundo; e esse aprendizado lhe proporcionará oportunidades de solidarizar-se, comprometer-se com o outro, com a sociedade e com o universo de tornar-se cada vez mais pessoa, menos indivíduo, personalizando o universo.

---

Por estas indicações,  
compreendo que o jornal escolar  
pode ultrapassar seu caráter  
técnico-utilitário e tornar-se uma  
estratégia pedagógica, com maior  
amplitude e possibilidades.

---

*Resumo:* O autor trata da importância do trabalho pedagógico a partir da imprensa escrita. Saliencia a dinamicidade e a interação que o jornal propicia entre o aluno e os grandes temas da atualidade. Destaca também que este trabalho não pode ser desenvolvido de forma ingênua, tomando o jornal da mesma forma que se toma o livro didático. É preciso que o professor tenha consciência dos processos de edição dos fatos e que, assim como o livro didático, cada jornal transmite um ponto de vista sobre a realidade. O autor ressalta, ainda, ser exatamente este o trabalho mais importante que o professor tem a fazer, ou seja, portar-se como mediador cultural entre os anseios de seus alunos e a complexidade dos fatos sociais.

*Palavras-chave:* jornal escolar; jornalismo e ensino; mediador cultural; produção de cultura

Estratégia porque não se prende a esquemas, mas abre-se e flexibiliza-se de acordo com as perspectivas de cada grupo participante, em seu momento histórico, em seu local. Estratégia também porque não traça objetivos fechados, mas desenvolve posturas para a percepção, reflexão e expressão do mundo – ampliação da re-visão do mundo.

Pode ser um caminho? Mais que racionalizar o ensino com programas e máquinas, há que se pensar o humano na técnica e no ser. E o jornal escolar, sendo menos o veículo para ser mais um processo rico de relacionamento humano, pode transcender a eficiência e a eficácia sonhada pela Modernidade para constituir-se em vivências para o humano ser.

*Abstract:* The author deals with the importance of pedagogical work using printed press. Emphasis is given to the dynamics and to the interaction the newspaper allows there to be between the student and current affairs. It also stresses that this work cannot be carried out in naïvely, giving the same consideration to the newspaper as is given to textbooks. Teachers must be aware of the processes involved in fact editing and that, as is the case with school books, each newspaper transmits its own point of view on reality. The author also claims this is the most important work the teacher can do: act as a cultural mediator between his/her students' desires and the complexity of social facts.

*Key words:* School newspaper; journalism and teaching; cultural mediator; culture production